

A experiência da narrativa interativa de Machado de Assis

Dania Ellingson



Machado de Assis toma o papel de inovador literário em uma abordagem original na criação da literatura brasileira. Famoso por sua forma de escrever, ele convida o leitor a participar no processo de criar a história escrita, e o incentiva a criar suas próprias opiniões com respeito ao assunto. Este estilo é remanescente de uma teoria conhecida como a economia de experiências, que surgiu no final dos anos 90 e é muito reconhecida no campo de administração de eventos. A teoria explica que a experiência do consumidor é o que mais importa para o sucesso de qualquer empresa e que, ao intencionalmente moldar esta experiência, a empresa tocará em algo que o consumidor profundamente deseja. Mesmo que as obras de Machado de Assis claramente precedam o desenvolvimento desta teoria, é evidente que Machado segue seus princípios. Por conhecer as necessidades do consumidor literário no Brasil, Machado desenvolve eficazmente sua própria teoria de experiências e a aplica para funcionar como um modo narrativo na sua escrita.

Conhecer o consumidor literário

Machado conhecia muito bem a situação do consumidor literário no Brasil, tanto suas dificuldades quanto suas oportunidades. Sua forma de escrever é uma reação à situação, e é o que diferencia as obras machadianas de outros textos da época. Por entender as necessidades do consumidor literário no Brasil, Machado fornece inovações artísticas que fundamentalmente mudaram a forma na qual o leitor brasileiro interage com a literatura brasileira.

O contexto do consumidor literário

Para Machado de Assis, seu mercado de consumidores literários consistia de leitores brasileiros durante uma época incrivelmente desanimadora para a literatura brasileira. Este desânimo surgiu de duas dificuldades principais: (1) a taxa de alfabetização da época e (2) o interesse literário dos que eram alfabetizados.

Durante o século 19 no Brasil, a taxa de alfabetização era extremamente baixa. Segundo os comentários de Hélio de Seixas Guimarães, “The total percentage listed in the [1872] census for illiteracy amounted to 84% of a population of 9,930,478 people, including free men and slaves” (211–12). Um nível de alfabetização abaixo de 20% da população é uma causa enorme para preocupação em uma profissão totalmente dedicada a passar ideias pela palavra escrita. Isto claramente afetou o moral e o sucesso dos escritores da época.

Com esta informação, é evidente que o número de pessoas possíveis para os escritores influenciarem diminuiu significativamente, o que leva à segunda dificuldade: os interesses principais entre os brasileiros alfabetizados. Com respeito a estas preferências, Guimarães explica:

For the Brazilian romantic writers [...] the discrepancy between a writer’s ambitions and true literary potential, made clear by the imperceptible impact of their work, would generally be explained by [...] what they perceived to be the population’s general indifference to all things Brazilian and its predilection

for all things French, as well as the impossible competition that they faced from already established foreign books, especially Portuguese books. (205)

Além de estar trabalhando com uma população de leitores minúscula, Machado e seus contemporâneos enfrentaram a realidade que eles competiam com os escritores mundiais para ganhar o interesse e atenção dos leitores brasileiros. Na realidade, fazia pouco tempo em que os escritores brasileiros começaram a fazer o esforço de se diferenciar das obras europeias, e o resultado não chegava a satisfazer as expectativas.

Claramente, havia uma discrepância entre os objetivos dos escritores e dos leitores brasileiros. Machado, no entanto, tinha uma perspectiva interessante sobre a situação: ele entendia o consumidor literário no Brasil e suas necessidades porque ele mesmo era um grande consumidor de literatura.

Machado é muito conhecido como leitor. João Cezar de Castro Rocha resume este conceito perfeitamente ao dizer: “Machado de Assis is an author who is fully aware that he is first and foremost a reader” (xxxiii). Mesmo uma leitura rápida de suas obras revela inúmeras referências à grande biblioteca que Machado acumulou, e que ele utiliza para inspiração em sua escrita. Suas obras contêm referências aos grandes escritores mundiais, e incorporam a riqueza daquele conhecimento nelas contida. Antes de tudo, Machado de Assis é um leitor.

Este hábito de ler o influenciou além da expansão das referências em suas obras, e também aumentou seu entendimento do ser humano. Helen Caldwell comenta: “The best way of comprehending the universal soul of mankind, said Machado, was through study of great writers the world over” (165). Por ter estudado os grandes escritores, Machado tinha uma compreensão maior da alma universal. Este entendimento aumentou sua capacidade de conectar com um diverso grupo de leitores. Além de entender as necessidades do leitor brasileiro, Machado entendeu os temas universais e, por ter este entendimento, ele sabia como tocar o coração do leitor para o influenciar a entrar em um outro mundo para construir uma obra ficcional.

Com respeito à influência que Machado tem no leitor, Rocha comenta: “Machado not only fashions himself as a reader, but he also compels the readers of his novels to acknowledge their role in the constitution of the fictional play” (xxc). O entendimento que Machado tinha da alma universal, em conjunto com sua experiência como leitor, o capacitou a perceber a necessidade de conectar com o leitor em uma forma diferente de outros autores através de um novo modo narrativo: uma narrativa interativa.

A criação da narrativa interativa

Enquanto que os trabalhos literários de Machado de Assis têm vários elementos interessantes, ele é possivelmente o mais conhecido por seu modo de falar diretamente para o leitor, principalmente em seus livros *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. A teoria da economia de experiências acima mencionada tem muitas similaridades aos escritos machadianos e serve como um quadro para guiar o estudo deste modo narrativo.

A economia de experiências é um termo introduzido por Joseph Pine e James Gilmore no artigo “Welcome to the Experience Economy”, publicado na revista *Harvard Business Review* em 1998. Eles explicam que assim como o mundo passou por tempos movidos pela economia agrária, industrial e de serviço, o mundo está entrando agora na economia de experiências. Esta noção indica que as experiências distinguem um produto entre outros, e que as pessoas estão procurando as experiências acima de tudo.

Mesmo que Machado tenha escrito suas obras quase um século antes do desenvolvimento desta teoria, ele claramente entendeu a importância da experiência do consumidor. Seguindo o princípio que as experiências funcionam como a distinção de um entre os outros, Machado escreve com uma narrativa intencionalmente interativa. É esta interação que faz a experiência de ler a obra machadiana tão marcante para o leitor.

Nas obras de Machado, o espaço para a interação do leitor existe por causa da implementação da técnica de coprodução, que é uma outra teoria relacionada ao campo de administração de eventos. Na teoria da coprodução, toda atividade cai em um lugar entre duas gamas: passivo a ativo, e absorção a imersão. Enquanto a leitura geralmente se encaixa nos elementos das atividades passivas e absorventes, Machado cria uma experiência literária que é tanto ativa como imersiva em caráter ao utilizar a narrativa interativa.

A experiência machadiana

Na criação da experiência literária, Machado utiliza a técnica de coprodução, muitas vezes por convites abertos e óbvios, emparelhada com a sugestão de sutilidade. É um equilíbrio delicado e muito difícil de manter, mas Machado demonstra um controle elegante no contexto de suas obras.

O elemento mais memorável da narrativa interativa que Machado utiliza é o fato que existem convites abertamente direcionados ao leitor. Usando duas técnicas principais, Machado convida o leitor a interagir com o texto através de (1) um diálogo quase cotidiano do narrador direcionado ao leitor e (2) a existência de lacunas na história do texto.

A maneira do narrador falar diretamente para o leitor invoca uma variedade de reações emocionais. No exemplo do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador Brás Cubas se dirige diretamente ao leitor. Na introdução, ele chama o leitor de “fino leitor”, e alguns capítulos depois, ele o chama de “leitor amigo”. A passagem mais conhecida, porém, é a na qual Brás Cubas fala: “O maior defeito deste livro és tu, leitor” (53, 86, 159). Seguindo estas referências, é claro que o relacionamento entre o narrador e o leitor é incrivelmente complexo. Para o leitor, receber insultos pessoais do narrador de um livro é uma nova experiência e é por isto mesmo que os leitores lembram tanto do livro. O fato do narrador interagir com o leitor nesta forma cria um elemento imersivo, pois em vez de sentir reações emocionais ao ver algo acontecer a um personagem ficcional, tudo se torna pessoal e chama o leitor a entrar o mundo ficcional para responder.

Ao entrar o mundo do texto, o leitor descobre que os narradores de Machado sempre deixam lacunas para o leitor preencher. No livro *Dom Casmurro*, o narrador faz um convite explícito ao dizer: “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas” (213). Esta técnica talvez seja a mais importante de tudo que Machado de Assis faz na sua escrita, pois ao convidar o leitor a preencher as lacunas, ele o está convidando a participar no processo de criar a história. Isto vem com a implicação explícita que a história mudará dependendo de quem esteja lendo, mas por Machado estar disposto a sacrificar o controle da história, a experiência do leitor ganha a riqueza que estava faltando.

A técnica na narrativa interativa tem um efeito tão marcante porque Machado consegue manter o equilíbrio entre os convites de interagir e o estabelecimento de uma estrutura. Mesmo que a narrativa interativa tenha um elemento quase impetuoso, Machado inclui a orientação necessária para estabelecer uma estrutura na qual o leitor possa operar com sucesso. Ele faz o leitor participar somente o suficiente para o fazer entrar no mundo do texto pronto para contribuir seus pensamentos na história. Assim que ele consegue este nível de participação, a narrativa abrupta desaparece da história coproduzida entre Machado e o leitor.

A eficácia da narrativa interativa

Através da técnica da narrativa interativa, Machado cria um ambiente no qual ele guia o leitor a chegar em certas conclusões sem ele perceber que está sendo guiado. O efeito desta interação é muito poderoso: através da narrativa interativa, o autor consegue implantar uma ideia na mente do leitor e faz o leitor pensar que é sua própria ideia. Esta influência é incrivelmente importante, principalmente ao considerar seu envolvimento nos assuntos sociais da época. Na obra machadiana, a narrativa serve para disfarçar seu argumento e persuadir o leitor sem ele perceber.

Este disfarce funciona tão bem que até os contemporâneos de Machado de Assis o criticavam por não ter interagido mais com os problemas de sua época. Por exemplo, Machado foi muito criticado por não ter denunciado a escravidão abertamente em suas obras. G. Reginald Daniel resume isto ao dizer: “Early criticism nurtured the belief that Machado’s life and writings betray his racial self-negation, his indifference to the plight of African Brazilians and the cause of abolition” (4). Na realidade, é evidente que os trabalhos escritos de Machado participam na conversa social contra a escravidão, mas é de uma forma mais sutil. Por ele ter escrito contra a escravidão de uma forma disfarçada, ele consegue alcançar leitores que não teriam prestado atenção de outra forma porque eles não percebem que foram persuadidos, mas sentem o orgulho de ter descoberto a verdade sozinhos.

Um exemplo da sutileza no modo narrativo machadiano se encontra em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, enquanto o narrador introduz o escravo chamado Prudêncio. O narrador, lembrando sua infância, conta:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, —algumas vezes gemendo,— mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um —“ai, nhonhô!”— ao que eu retorquia: —“Cala a boca, besta!” (75)

Esta passagem guia o leitor a reconsiderar suas perspectivas sobre a escravidão sem ele se sentir forçado. A narrativa do livro se inicia com o convite de interagir diretamente com o narrador, e de formar opiniões com respeito ao que é contado no livro. Assim, o leitor chega a esta passagem preparado para analisar a veracidade do que está sendo dito. Ele questiona tudo e, no processo, acaba questionando elementos fundamentais sobre a sociedade na qual esta interação inquietante era aceita abertamente. O leitor, participando no processo de descobrir o que é certo e errado, sai da experiência do livro com mais convicção do que ele teria tido se Machado tivesse diretamente falado suas opiniões.

O poder da influência de participar no processo da criação no consumidor foi estudado por Pine e Gilmore, no seu livro *The Experience Economy* e conta várias situações que demonstram esta influência. Um exemplo excelente é sobre a empresa Build-a-Bear, que oferece a experiência para as crianças criarem seus próprios animais empalhados. Eles escrevem:

As Chief Executive Bear Maxine Clark told us, “When guests pick out exactly the right stuffed animal they want from our thirty-odd assortment, by the time they themselves stuff it to just the right amount, take a heart and then close their eyes to make a wish on it, and then choose clothing and accessories in concert with our associates, they are so connected to their stuffed animal that they become friends for life”. (134)

Seguindo estes mesmos princípios, o fato de Machado ter deixado o leitor criar a história junto com ele faz a experiência de ler o texto consideravelmente mais marcante. O leitor faz parte do processo seletivo de escolher o que incluir na história, e o que desconsiderar. Assim como a criança guarda seu animal empalhado de Build-a-Bear com o maior

maior cuidado, o leitor valoriza o texto de Machado muito mais porque, de uma certa forma, foi o leitor que criou a história. Ele sente a conexão ao livro como se fosse seu livro mesmo.

Conclusão

As obras de Machado de Assis se alinham perfeitamente com as teorias da economia de experiência, tanto que o entendimento do poder da experiência se aplica diretamente ao entendimento do que diferencia seus escritos dos escritos de seus contemporâneos. Ele conhecia as necessidades de seu mercado literário, e procurava fornecer uma experiência para tratar delas. O desenvolvimento da narrativa interativa de Machado foi intencional, e tinha o propósito de criar uma nova experiência que influencia o leitor de uma forma diferente que outros textos. Como Machado nunca oferece facilmente o que ele considera ser a resposta correta, o leitor depende no fato que ele cria uma estrutura de ficção na qual o leitor tem espaço para explorar e descobrir a resposta por si mesmo. Através da narrativa interativa, o leitor passa pelo processo da experiência literária de Machado de Assis, e acaba mudando a forma em que ele enxerga o mundo para o resto da vida.

Bibliografia

Assis, Machado de. *Dom Casmurro*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. Print.

Assis, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011. Print.

Caldwell, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Berkely: U of California P, 1960.

Daniel, G. Reginald. *Machado de Assis: Multiracial Identity and the Brazilian Novelist*. University Park: Pennsylvania State UP, 2012. Print.

Guimarães, Hélio de Seixas. "Fictionalizations of the Reader in Machado de Assis; Novels." *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*. Ed. João Cezar de Castro Rocha. Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2006. 205-17. Print

Rocha, João Cezar de Castro. "Machado de Assis: The Location of an Author". *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*. Ed. João Cezar de Castro Rocha. Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2006. Print.

Pine, B. Joseph., and James H. Gilmore. *The Experience Economy*. Boston, MA: Harvard Business Review, 2011. Print.

Pine, B. Joseph., and James H. Gilmore. "Welcome to the Experience Economy." *Harvard Business Review*. June-July 1998: n. pag. Web. 2 Dec. 2016.